

**ELES FALA, NOIS CALA:
COMO A ESCOLA TEM ENFRENTADO O DESAFIO
DE ENSINAR A NORMA ORAL CULTA AOS SEUS ALUNOS?**

Josina Augusta Tavares Teixeira (UFJF)
josinatavares@hotmail.com

RESUMO

A democratização do ensino alterou substancialmente o corpo discente escolar. Entretanto a escola, ignorando a diversidade dialetal que se lhe apresentava, seguiu sustentando a primazia da escrita, gerando danos concretos ao novo alunado: sentimento de menos-valia, dificuldades de aprendizagem, reprovações massivas, evasões escolares. Esse quadro ignora as justificativas inquestionáveis para o estudo da oralidade: centralidade nas comunicações interpessoais; eficácia na construção de identidades sociais; contribuição na formação cultural e preservação de tradições orais; poder instrumentalizador para o trânsito nas diferentes esferas sociais; ativação de ações diferentes da escrita. Assim, a omissão do trabalho didático com a oralidade aponta para a urgência dessa abordagem, sob o viés da sociolinguística, área teórica que reconhece cada falante nativo como usuário competente de sua língua, legítima as variações linguísticas e propõe ações didáticas organizadas a partir da análise e categorização das mesmas. Respalhada pelos pressupostos sociolinguísticos, realizei uma pesquisa composta de “Oficinas de oralidade”, ao longo de 2012, com alunos de classe média baixa, e em 2013, em uma turma de classe média. As realizações linguísticas distanciadas da norma oral culta foram rigorosamente anotadas e categorizadas de acordo com os três *continua*, formulados por Bortoni-Ricardo (2004), que propõe uma análise a partir dos eixos rural/urbano; oralidade/letramento; monitoração estilística, e nortearam atividades didáticas. Ao final dos trabalhos, resultados evidenciaram um significativo crescimento dos alunos: participação ativa nos eventos orais, ampliação da reflexão sociolinguística; apropriação dos conceitos orientadores dos três *continua*; utilização de recursos da oralidade culta. Essas conclusões reafirmam a eficácia dos princípios sociolinguísticos para a concretização de uma educação cidadã, democratizada.

Palavras-chave:

Oralidade culta. Sociolinguística educacional. Variedades linguísticas. Sala de aula.

1. Introdução

No presente artigo, proponho uma análise do ensino escolar da oralidade sob os seguintes enquadres: presença da multiplicidade de variedades linguísticas na escola; impactos das variedades desprestigiadas nas salas de aula e seus desdobramentos didático-pedagógicos, urgência da inclusão do ensino da oralidade culta entre os objetivos prioritários de língua portuguesa; imprescindibilidade de um embasamento sociolinguístico nas práticas didático-pedagógicas; entaves à prática didática no

ensino da oralidade culta.

Em seguida, apresento uma “Oficina de oralidade”, título atribuído às atividades desenvolvidas dentro de uma pesquisa-ação por mim realizada, demonstrando a viabilidade de se ensinar a norma culta sob o viés da sociolinguística.

Finalizando, teço algumas considerações, apresentando resultados concretos da pesquisa, comprobatórios da viabilidade de um trabalho exitoso dentro da língua portuguesa, pautado pela sociolinguística.

2. *Nova clientela, novo desafio*

A democratização do ensino conquistou espaço, nas escolas públicas, para os filhos das classes socioeconomicamente desfavorecidas, abrindo esses estabelecimentos para múltiplas variedades linguísticas. Considerando-se que a valoração dessas normas populares está atrelada ao maior ou menor prestígio das classes que as praticam, a clientela pobre já iniciou sua vida escolar com mais uma desvantagem.

Por esse motivo, a questão da inserção das práticas de desenvolvimento de competências da oralidade culta entre os objetivos prioritários do ensino da língua materna é um tema que vem cada vez mais agregando pesquisadores, professores e gestores da área de Educação, em meio a inúmeras controvérsias teóricas e metodológicas. Tal fato se deve à preocupação com o grande número de alunos que se calam diante da diferença opressiva que se interpõe entre seu dialeto e a variedade culta praticada pela escola, ou seguem usando seu próprio dialeto, a despeito das críticas e/ou avaliações negativas que a sociedade e a própria escola lhes imputam, perplexos diante de uma desvantagem social cuja origem não conseguem compreender.

3. *Prestígio e preconceito: duas faces da mesma moeda*

A coexistência das variedades cultas e populares não sempre se dá de maneira harmônica, considerando-se a insistência da escola em manter viva a soberania da norma-padrão.

Silva (2002, p. 295) explica que “O ideal prescritivo homogeneizador e segregador preconizado pela norma-padrão ainda perdura até hoje, mantém-se como o modelo ainda dominante para o ensino das línguas

maternas na escola”. E conclui afirmando que essa adoção da variante praticada pela classe dominante como padrão é um “instrumento ideológico utilizado pela classe de poder”.

Essa opção promove consequentes desdobramentos para o ensino escolar, porque o aluno já traz introjetado o português vernáculo que, nas classes populares, não coincide com o praticado pela escola. Consequentemente podemos testemunhar o conflito que se instaura para o sistema educacional: dialeto da escola X dialeto do aluno, ou, norma padrão X normas populares. Trava-se um embate no qual o derrotado final é o aluno. E como ele reage? Com comportamentos de rebeldia, apatia, infrequência, ironia, agressividade, evasão escolar. E outros mais!

Nesse cenário, o professor vê-se colocado no epicentro do problema. Tem o compromisso de ensinar a seus alunos os recursos da norma culta, que é a norma realizada concretamente pelas classes prestigiadas, e não consegue fazê-lo. Desconhece, em sua quase totalidade, os avanços sociolinguísticos³⁴, cujos pressupostos poderiam sedimentar uma educação democrática, libertadora das classes oprimidas. Encontra-se despreparado para adotar esses princípios.

Para efetivar o ensino da oralidade valorizada socialmente às classes desprestigiadas, a escola deverá ancorar-se em objetivos bem definidos de modo a garantir, na sala de aula, desdobramentos didático-pedagógicos produtivos. Por isso, consideramos como urgente a necessidade de se incluírem os seguintes objetivos para a disciplina de língua portuguesa:

- Conscientizar os alunos sobre as diferenças linguísticas coexistentes no Brasil.
- Produzir, nos alunos, um sentimento de respeito à diversidade linguística.
- Propiciar-lhes o domínio dos recursos da norma oral culta.
- Possibilitar-lhes a constatação da existência de variedades mais prestigiadas socialmente.

Assim, poderemos apostar em uma educação sociolinguística escolar para a construção de usuários conscientes da variedade oral de sua

³⁴ O conceito de sociolinguística será abordado posteriormente.

língua materna, aptos a utilizarem essa modalidade de maneira eficiente.

4. Ensino da oralidade culta: a conquista da cidadania

Inquestionáveis são os motivos para se ensinar a oralidade culta na escola: é prática mais central de comunicação, requer ativação de ações diferentes da escrita, configura-se como lócus privilegiado para a formação de identidades sociais. Sobre essa última assertiva, Marcuschi (2003, p. 30), explica:

[...] o indivíduo enquanto pessoa se constitui na relação dialógica. Essa relação dialógica tem na língua falada, particularmente nos modos de interação face a face, sua matriz formadora. Assim, os processamentos linguístico e cognitivo são formados na matriz dialógica. Daí a relevância de um maior conhecimento da língua falada. A análise da interação oral verbal pode ser tida, portanto, como uma contribuição do que se entende quando se diz que o homem é um ser social.

Entretanto, a escola parte do pressuposto de que o aluno, ao iniciar seu processo de escolarização, já “sabe falar”, o que desmotiva os professores para o trabalho didático com a oralidade.

Que o aluno já sabe falar, é fato! Cabe, então à escola, propiciar-lhe o conhecimento da riqueza e variedade de usos da língua, para que possa adotar opções linguísticas conscientes, adequadas. Trata-se, assim, de levá-lo à ampliação de suas competências linguísticas, dotando-o da capacidade de interagir oralmente, com eficiência, nos mais diferentes contextos que se lhe apresentarem, e a dominar os recursos dos diferentes gêneros orais, socialmente veiculados.

Sobre essa questão, a sociolinguista brasileira Bortoni-Ricardo (2004, p. 75) afirma: “A escola é por excelência, o *locus* – ou espaço – em que os educandos vão adquirir, de forma sistemática, recursos comunicativos que lhes permitam desempenhar-se competentemente em práticas sociais especializadas.”

Finalizando esse capítulo, afirmo a convicção de que, aos cursos de graduação para formação de professores, deva ser atribuída a parcela mais significativa de responsabilidade da divulgação da sociolinguística.

4.1. Entraves ao ensino da oralidade culta

Apesar dos argumentos favoráveis ao ensino da oralidade culta na

escola, sua efetivação tem sido ineficaz ou tímida, explicada principalmente pelos seguintes motivos: ausência de um respaldo teórico nas atividades didático-pedagógicas com a oralidade; falta de atenção ao estudo das competências da oralidade nos livros didáticos de português; ineficácia, ou quase inexistência de ações produtivas no ensino dos recursos próprios dos gêneros orais; dinamismo das atividades orais que expõem diferenças pessoais e de opinião e produz “barulho e confusão”, ameaçando o controle que o professor pretende exercer sobre a turma; preocupação do professor de expor o aluno a situações desconfortáveis, quando este exterioriza seu dialeto ou suas opiniões; inibição recorrente entre os alunos nas exposições orais.

5. Sociolinguística: respaldo teórico eficaz para uma educação democratizadora

O alargamento dos estudos levou à ampliação do conceito de linguística que passou a contemplar, também, o aspecto linguístico sincrônico, bem como a sua dinamicidade evidenciada pelos fatos da fala. Entretanto, o olhar objetivo para as variações e sua determinância socioeconômica ficou a cargo da investigação teórica da sociolinguística ou teoria da variação. A sociolinguística é o ramo da linguística que analisa a relação entre a língua e a sociedade, cujos primeiros estudos começaram a ser divulgados mais enfaticamente nos anos de 1960, com as pesquisas de Labov³⁵.

William Bright (*apud* CALVET, 2002, p. 29) argumenta que “[...] uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação não é livre, mas que está correlata às diferenças sociais sistemáticas”. Cada variação linguística espelha um segmento social. Considerando-se a diferença de valia social desses diferentes segmentos, a língua que cada um deles pratica também se acha impregnada de diferentes valores sociais.

É uma ciência que trata das variedades linguísticas e seus falantes, em um processo dialético. Sugere um estudo da língua no âmbito das comunidades de fala e, assim, configura-se como um instrumento teórico que respalda o rompimento com o estigma que acompanha os praticantes das variedades populares. Enquanto a linguística estuda os aspectos ge-

³⁵ William Labov foi um linguista americano, amplamente considerado o fundador da disciplina sociolinguística variacionista.

rais da língua, à sociolinguística interessam as variedades ocorridas nas realizações individuais da fala.

A sociolinguística tem duas vertentes: a sociolinguística interacional ou qualitativa e a sociolinguística variacionista ou quantitativa. A primeira tem como foco as investigações sobre a linguagem na comunicação entre as pessoas e o contexto no qual essa comunicação se desenvolve. Com isso, observa-se como o indivíduo reage às situações de interação face a face dentro de certo contexto social.

Já para a sociolinguística variacionista, a principal preocupação é com a variação linguística, que ocorre segundo o meio social no qual o indivíduo está inserido. Um dos primeiros estudiosos a desenvolver um trabalho dentro dessa linha de pesquisa foi o americano William Labov. Ele utilizou uma metodologia de pesquisa que demonstrou ser possível sistematizar o aparente “caos linguístico”, considerando a fala dentro de seu contexto.

Sobre esse tema, Lucchesi (2002) explica que a menos valia das variantes características da norma popular não têm fundamento linguístico, mas denunciam discriminação econômica e exclusão social.

Concluindo, pode-se afirmar que a significativa contribuição da sociolinguística reside em desmitificar as concepções idealísticas da língua considerada como sistema homogêneo e oferecer contribuições para uma pedagogia da variação. No Brasil, há mais de quatro décadas, os estudiosos da linguagem humana têm se dedicado ao estudo da sociolinguística, como resultado de questionamentos à equivocada tradição escolar no ensino de língua portuguesa que nega, como legítimas, as variedades linguísticas que se distanciam da norma culta, postura que marginaliza os falantes das normas consideradas “não cultas” e os expõe a preconceitos.

5.1. Sociolinguística em ação: uma proposta didática

Gestada nas inquietações produzidas nas evidências de uma prática de ensino de língua portuguesa que nega o trabalho com a oralidade, idealizei uma pesquisa direcionada ao trato didático com a oralidade culta em sala de aula, denominada “Eles fala, nós cala: como a escola tem enfrentado o desafio de ensinar a língua oral culta a seus alunos?”. Sua concretização tem sido efetivada pela construção e implementação de “Oficinas de oralidade”, configurando-se como uma realização da Edu-

cação Sociolinguística escolar, objetivando propiciar aos alunos uma ampliação de suas competências discursivas.

Dentre as atividades realizadas semanalmente durante todo o ano letivo de 2012, em uma turma de 5º ano do ensino fundamental de uma escola de nível socioeconômico baixo, selecionei uma que será descrita a seguir, como ilustração:

Oficina 1: (re)conhecendo a variedade rural

Primeiramente recitei para os alunos uma poesia do Maurício se Sousa³⁶, envolvendo a fala rural do Chico Bento:

A MÁGOA DO CHICO BENTO

**Cuitado do ribeirão
Ta sujo qui inté dá dó
Os peixe sumiram tudo
Num existe nada pio
Os bicho lá do sertão
Num guenta o chero da água
Tem gosto de detergente
Pur isso eu canto essa mágoa.**

**Jacaré foi pro zoológico
Foi de corta o coração
Mas diz num sentir sodade
Vive agora atrás das grade
Pra nun ter intoxicação**

**Se fica dessa maneira
Muitas coisas vão muda
Non vô vê mais os meus bichinho
Nem toma banho de rio
Nunca mais podê pesca
Temos que arranjar um jeito
De achar a solução
Pra salvar a natureza
Ter de volta a beleza
Na cidade e no sertão.**

(Eita, aí é que vai sê bão!)

Após uma apreciação do conteúdo ecológico do texto, fiz uma pergunta sobre o dialeto rural que ele evidencia:

³⁶ Poesia disponível em: <www.letradamusica.net> Turma da Mônica

Por que o Chico Bento fala tão diferente de nós, aqui desta classe?

Os alunos responderam³⁷:

- A *Porque é burro, senão já teria aprendido a língua que é ensinada na escola.*
- B *Seu pai, o Maurício, quer que ele continue falando assim.*
- M *Porque continua morando na roça.*
- C *Seus pais, seus amigos e vizinhos falam assim.*
- R *Porque se ele parar de falar assim, não será mais o Chico Bento.*
- F *Chico Bento vive com muitas pessoas que falam diferente dele, mas continua com o falar rural.*
- G *Porque ele é um personagem.*
- N *Porque quer falar assim, mesmo estando na escola.*
- E *Porque está na roça e, por isso, pode falar assim*
- V *A língua dele é diferente da nossa porque a língua evolui, tem a evolução da língua.*
- A *Essa é uma variedade rural, muito difícil de falar!*
- B *É mesmo, nem parece com a língua da gente.*
- O *É porque a gente não ouve falar assim!*

As reflexões apresentadas invalidam uma crença ocorrente na escola de que alunos da faixa etária de 10, 11, 12 anos ainda não são capazes de realizar análises sociolinguísticas. Suas observações apontam para uma realidade que contraria essa afirmação. A partir das respostas, pudemos detectar pistas de uma reflexão e de uma compreensão sociolinguística, ainda que embrionária, considerando que abordaram a questão da variação rural/urbano e seu condicionamento social.

Assim, essa atividade didática permitiu-nos tecer várias considerações sobre os conhecimentos que os alunos já têm construídos, quais sejam:

- Distinguem as variantes linguísticas características do falar rural e *rurbano*³⁸ e urbano.

³⁷ Os nomes dos alunos foram substituídos por iniciais maiúsculas, para proteger-lhes a identidade.

- Reconhecem o valor social da escola, enquanto agência de ensino.
- Admitem o valor da interação social na evolução da língua.
- Entendem a língua como fator de identidade social.
- Percebem a influência da pressão social sobre as variações.
- Identificam o processo da evolução da língua.
- Têm a noção de contexto de produção.
- Aceitam as variações linguísticas como legítimas.

6. Considerações finais

A questão norteadora da pesquisa aqui exposta foi: “A escola consegue trabalhar a oralidade considerando a multiplicidade de normas linguísticas?” Desmembro essa pergunta em duas respostas: primeiro, a escola consegue trabalhar a oralidade; segundo, consegue e deve trabalhar a oralidade sob o viés da variação.

As Oficinas de oralidade produziram um efeito, ainda que modesto, bastante frutífero, comprovando a afirmativa da exequibilidade de um trabalho produtivo com a oralidade culta, respaldado pela sociolinguística. Importantes resultados corroboram essa assertiva: a) todos os alunos, com pouquíssimas exceções, sentem-se encorajados a se expressarem oralmente; b) demonstram-se competentes para realizarem reflexões sociolinguísticas e compreendem conceitos como “dialeto rural, *rurbano*, urbano”, “monitoramento de língua”, “língua culta”, “regionalismos”, “polidez”, dentre outros; c) acatam a legitimidade das variações linguísticas e lhes dispensam um comportamento respeitoso; d) utilizam com mais competência os recursos da oralidade culta.

A partir de todo o exposto, concluo minhas reflexões realçando a importância do reconhecimento das diversas normas linguísticas abarcadas pelo nosso idioma, se quisermos praticar uma educação que vise à erradicação do preconceito linguístico. Também, acreditamos, que somente

³⁸São variedades linguísticas que apresentam características da língua rural e urbana. Bortoni-Ricardo (2011, p. 23) afirma que as variedades *rurbanas* são “[...] a língua falada em áreas metropolitanas por grupos sociais não alfabetizados de antecedentes rurais, ou em áreas rurais expostas a influências modernizadoras”.

um ensino respaldado pelos pressupostos sociolinguísticos poderá diminuir o fosso entre as variedades cultas da escola e as populares, praticadas pelos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRIGHT, William (Org.). *Sociolinguistics, Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference*, La Haye-Paris: Mouton, 1966.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Variação, mudança e norma. In: BAGNO, Marcos. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.